

## DISCURSO DO PE. ARTURO PAOLI

\*\*\*

Peço me seja permitido, nesta festa da solidariedade omitindo toda etiqueta, me dirigir aos presentes com o título significativo de amigos e amigas. Isso não significa que não aprecie a honra que pessoas de tanto destaque na sociedade, estejam aqui reunidas para este ato que me honra muito mais acima dos meus méritos.

Quero que as primeiras palavras deste meu discurso de agradecimento afirmem que só o Santo, seja Ele bendito, é justo. Mas bem Ele é a Justiça segundo versículo do Deuteronômio (32,4). Nós humanos podemos só desejar ter fome e sede de justiça, e caminhar para a plenitude da única identidade humana estimulados por esta sede inextinguível de justiça. Quando recebi a notícia desta condecoração de que me honrava o governo de Israel, me senti constrangido porque não se tratava dum título mundano de comendador ou qualquer outro título de nobreza, mas ao contrário duma qualidade de vida, duma identidade pessoal. É como reconhecer ter realizado a meta ardentemente desejada de ser filho do Santo, seja Ele bendito. A notícia levou-me a repensar a motivação que constitui a unidade da minha longa vida. Acabados meus estudos universitários senti um impulso irresistível a dedicar-me à defesa dos injustiçados porque de criança, aos seis anos de idade, assisti numa praça da minha cidade natal, a cenas de violência com derramamento de sangue. Era o tempo em que instalava-se a ditadura fascista. O imenso amor de que me envolvia minha família não alcançava sarar este trauma que mais tarde compreendi que só podia se transfigurar em fome e sede de Justiça. E unicamente por esta causa me apresentei a meu arcebispo pedindo-lhe para admitir-me ao sacerdócio. Herman Gerstel, na primeira carta que enviou, fazia menção deste monsenhor que lhe afirmou: "*Ti abbiamo salvato col nostro sangue*". Te salvamos com nosso sangue. Este arcebispo poucos dias depois da minha ordenação entregou a mim e a dois colegas um velho edifício, nobre na sua estrutura, que tinha sido por um século residência do seminário e na atualidade ficava desativado. O nosso superior nos pedia que esta casa fosse dedicada a acolher qualquer pessoa que se encontrasse em dificuldade. Passei a noite mesma da minha ordenação como padre, em um refúgio anti-aéreo. Era o fim do mês de junho de 1940, estourava a segunda guerra mundial. Nesta casa, um dos que se salvaram tinha sido meu mestre na universidade e um grande mestre perseguido e procurado por causa de suas opiniões políticas, quis aplicar uma lápide que reza que ali a caridade não conheceu limites. Um motivo mais de minha humilhação atual consiste em lembrar meus dois companheiros que cedo alcançaram a três, mais merecedores que eu de reconhecimentos. Ali passei os três anos mais trágicos e mais esplêndidos da minha vida. Porque todos os acontecimentos de solidariedade, todas as ocasiões



6

de viver na realidade, na autêntica fraternidade humana, os quatro as vivemos como um proceso de libertação e de crescimento. A guerra é sem dúvida o acontecimento mais horrível, a prova mais evidente que não alcançamos ainda o nível de pessoa como o Criador nós tem pensado, e lembrando o holocausto a shoà, nenhuma qualificação depreciativa pode designa-la, mas foi para muitos de nós a época do desvelamento em que o sentido único da história é um enfrentamento entre egoísmo e altruísmo. Não existe uma história pessoal neutra, nenhuma pessoa pode afirmar eu nao fiz mal a ninguém, vivi minha vida procurando não ofender os direitos de ninguém. Cada um de nós coloca dentro da história dinâmicas de amor ou de ódio, de vida ou de morte, de infelicidade ou de júbilo para outros talvez milhões de seres humanos. A decisão de nossa vida está entre egoísmo e altruísmo, escravos de nosso egoísmo ou libertados no encontro com os outros. Por isso, eu sinto-me agradecido e unido aos irmãos e irmãs hebreus que me libertaram.

Nunca mais nestes anos da vida o egoísmo tomou posse de mim? Não posso afirmá-lo, mas daquele tempo permanece a estrela que guia minha vida. Sinto-me feliz hoje de poder aqui manifestar um privilégio do povo escolhido por Deus. Um privilégio, que talvez na atualidade política, dominada pelo neoliberalismo, não seja universalmente reconhecida. Neste crepúsculo marcado pelo fim da filosofia, decretado oficialmente por Heidegger, grandes pensadores hebreus distinguem-se como os guias de um tempo novo que toda a humanidade está esperando inconscientemente ou a causa da intolerância dos males que estão assolando o planeta terra. Estes mestres, profetas se nomeiam: Martin Buber, Hans Jonas e o grande Emmanuel Lévinas. Derrida, o filósofo que um tempo foi opositor a Lévinas, no discurso fúnebre pronunciado sobre os despojos mortais do grande filósofo, declarou que: " *se pode prever com certeza que séculos de leitura se dedicarão ao pensamento deste filósofo*". Como humilde estudioso de Lévinas desde decênios, estou convencido que este pensador oferecerá um incalculável serviço a nossa religião cristã e a seu fundador, o profeta hebreu Jesus. Emmanuel Lévinas, que une sem confusão de planos uma autêntica paixão pelos profetas e os escritores talmudistas, com um rigoroso procedimento filosófico entregou à modernidade uma filosofia que é verdadeira sabedoria. Será impossível pensar uma ética que não seja fundada na hipótese filosófica de Emmanuel Lévinas. O seu pensamento, prossegue Derrida no seu discurso, vai além da filosofia, além do hebraísmo por exemplo no âmbito da teologia cristã. Ou nossa cultura morre definitivamente, arrastando na sua morte o tempo e a história, ou este mestre de justiça, este piloto da história, conseguirá despertar a humanidade. Estou seguro firmemente que se dará a segunda hipótese porque são sempre mais numerosos os adeptos a esta linha de pensamento. Paralela a esta existe uma linha cristã que é a filosofia e a teologia da libertação. Enrique Dussel, o filósofo e histórico argentino, desde o início do seu trabalho declarou ser discípulo de Lévinas. Indiretamente e fatalmente o pensamento de



Lévinas libera o Cristo das interpretações gregas e o coloca na tradição hebraica, e assim descobriremos todo o sentido da auto-defesa de Jesus: *"Não pensem que eu vim abolir a Torah e os profetas. Eu garanto a vocês: antes que o céu e a terra deixem de existir nem sequer uma letra ou vírgula será tirada da Torah"* (Mt 5,17). Jesus foi justificado foras das portas da santa cidade e este hebreu abre a ele as portas e não é uma profecia que vocês abram as portas a um discípulo do profeta crucificado? E este hebreu me preparou nestes anos a compreender que Jesus sente-se muito bem em meio do seu povo e como não deveria se sentir bem um discípulo que procura seguir os ensinamentos dele?

Quero encerrar este meu discurso que intencionalmente pretendia ser um simples agradecimento, com as mesmas palavras do nosso mestre de justiça: *"Dizer que Deus é o Deus dos pobres, ou o Deus da justiça, não é pronunciar-se sobre os seus atributos, mas sobre sua essência. Daí porque as relações interhumanas, independentes de toda comunhão religiosa, no sentido do termo, constituem, em todo caso, uma ação litúrgica, suprema e autônoma em relação a todas as manifestações da piedade ritual. Cabe ao homem salvar o homem"*. É muito difícil para alguém não envolvido na história do cristianismo e da cristandade apreciar todo o alcance destas palavras. Me limitarei a observar que o pensamento de Lévinas ajudará a nós cristãos a descobrir quanto devemos ao hebraísmo e que nossa autenticidade depende da fidelidade ao hebraísmo. E esta aproximação vai favorecer sem dúvida a época de paz que todos nós esperamos depois duma modernidade cheia de violências e de injustiças.

Brasília, 29/11/1999